

## **Ensinando com letras e sons**

Contribuições da Psicologia Cognitiva da Leitura à Educação

### **Apresentação**

#### **De professor para professor**

A alfabetização sempre foi a grande paixão da minha carreira docente, e ao mesmo tempo, uma grande incógnita. Desde os meus primeiros anos como professora eu trabalhei com a alfabetização.

Ensinar não é fácil. E tudo fica ainda mais complicado quando o professor está praticamente sozinho na sala de aula no dia a dia, explorando novas práticas pedagógicas, inventando e aplicando atividades para tentar fazer com que todos aprendam.

Como professora da rede pública de São Paulo, eu tentava seguir as diretrizes propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como minhas colegas tentavam. Partia do texto para tentar ensinar palavras. Esperava que a criança, aos poucos, compreendesse o nosso sistema de escrita e começasse a ler. E o resultado que tive, por vários anos, foi ver que dos meus aproximadamente 30 alunos, 20 acabavam o ano lendo e escrevendo, e eu não conseguia alcançar os demais. O sentimento de fracasso me perseguia.

A auto-crítica sempre me acompanhou e ao fim de cada ano, eu avaliava minhas ações como professora e tentava descobrir o que dava resultado e o que estava sendo feito em vão. Ia mudando a minha prática, tentando coisas novas.

Depois de cinco anos eu comecei a ter sucesso em sala de aula. Percebia que, quando os alunos compreendiam que as letras representavam sons, eles iam aos poucos juntando as letras e formando palavras. E chegou o ano em que, em meados de agosto, 95% dos alunos estavam alfabetizados.

Como eu consegui? Eu ensinava as letras, sons e palavras. O livro didático adotado pela escola não me ajudava. Nós trabalhávamos muito no caderno.

Minhas colegas pediam orientação e ficavam impressionadas pelo modo como as crianças de minha sala aprendiam a ler rápido.

Isso tudo me levou a questionar a proposta de alfabetização que coloca que a criança deve aprender a ler com textos e fui procurar informação. Iniciei o mestrado na PUC e foi neste

local que comecei a entender porque a minha prática estava sendo eficaz. Também percebi que o que eu levei cinco anos para aprender, poderia ter aprendido em menos tempo, pois esse conhecimento já existia.

A Psicologia Cognitiva da Leitura tem feito descobertas incríveis sobre como as crianças aprendem a ler e uma unanimidade entre os pesquisadores da área é: para aprender a ler a criança precisa entender as relações entre letras e sons. O grande problema é que este conhecimento circula entre os psicólogos e fonoaudiólogos, mas muito pouco entre os educadores, que deveriam ser os mais bem informados!!

Enquanto dava aulas, elaborei uma cartilha que foi utilizada com sucesso durante alguns anos na escola particular em que eu trabalhava e que hoje está publicada pela editora Schoba. Essa cartilha reflete minhas tentativas de alfabetizar melhor e mais rápido.

Resolvi escrever o presente livro porque, enquanto coordenadora pedagógica, percebi que os professores precisavam conhecer um pouco mais da teoria na qual as atividades se baseiam para poder entender a proposta como um todo.

As atividades que serão propostas a seguir são apenas alguns exemplos de como podemos trabalhar as letras, sons e palavras na sala de aula. Assim, ao meu ver, o presente livro é um guia com algumas ideias onde o professor alfabetizador pode se inspirar e criar muitas outras. Mas se desejar ver outros exemplos de atividades, elas poderão ser encontradas na cartilha do aluno.

Quero dividir com todos os professores o conhecimento que adquiri no decorrer da minha carreira docente. Não posso voltar no tempo para ajudar todos os alunos que um dia passaram por mim e não se alfabetizaram. Mas posso ajudar professores que, como eu, se angustiam diante de tantos alunos que não se alfabetizam ao fim do primeiro ano escolar.

Sandra Puliezi



## Introdução

Antes de partirmos para a proposta didática sugerida neste livro, me proponho a esclarecer, de uma maneira simples e rápida, algumas ideias: Como a criança aprende a ler? Por que é importante que a criança conheça os fonemas? O que é consciência fonológica?

A resposta a essas perguntas é parte do resultado do trabalho de diversos pesquisadores, brasileiros e estrangeiros. Minha intenção é dar ao professor alfabetizador instrumentos de trabalho para que possa ter sucesso em uma sala de alfabetização.

É claro que a metodologia é essencial para o sucesso ou fracasso em sala de aula, mas existem outros fatores que devem estar presentes na prática de um bom professor: respeito e afeto aos alunos, comprometimento com o trabalho, criatividade, iniciativa, autocrítica, reconhecer o progresso e sucesso de cada criança e não exaltar os erros, objetivos bem traçados para cada época do ano e acima de tudo, acreditar que pode fazer a diferença.

## O desafio da alfabetização

A alfabetização tem sido um grande problema no Brasil e em muitos outros países do mundo. No Brasil atual, as avaliações mostram que muitas crianças ficam 2, 3, 4, 5 anos para se alfabetizar, isso quando se alfabetizam. Mas a que se deve esse fracasso? Aos métodos? Ao nosso sistema de escrita? A problemas sociais que envolvem a criança, como família, condição econômica ou outros?

Muitas pesquisas foram conduzidas nas últimas décadas para tentar encontrar as respostas a essas questões. Descobriu-se que o ensino da leitura não é complicado e que as crianças podem obter bons resultados em até um ano, independentemente de sua condição social. Mas é preciso *saber como ensinar a ler e escrever*.

E o problema é que não estamos sabendo ensinar. O péssimo desempenho dos alunos nas avaliações é resultado dos métodos de ensino, mas especificadamente o método global, amplamente utilizado nas escolas nas últimas décadas. O método global (ou analítico), parte do

princípio de que para aprender a ler as crianças devem partir do todo (palavra) para só depois trabalhar com as partes menores, como sílabas e letras. Sendo assim, a criança deve aprender a ler com textos, de onde podem “adivinhar” as palavras a partir do contexto e ilustrações. Para escrever, as crianças devem “inventar” a sua escrita, colocando as letras que julgam corretas em uma palavra.

Alguns países, como a França e EUA<sup>1</sup>, que também aderiram à onda do método global perceberam que essa metodologia não produziu as maravilhas prometidas no processo de alfabetização e estão recorrendo a pesquisas recentes para tentar entender como as crianças aprendem a ler. O resultado é que a prática da alfabetização nesses países está sendo toda reformulada.

E o Brasil? Por que ainda não está se mobilizando para mudar alguma coisa? A Educação brasileira, cega pelo mito de que as crianças aprendem a ler lendo (o que é muito bonito, mas não é verdade!), insiste em manter uma metodologia ineficiente, produzindo ano após ano, o fracasso das crianças que ingressam na escola.

Quanto tempo ainda teremos que esperar para ver bons resultados nas avaliações de Língua Portuguesa? Por que, enquanto muitos países estão pesquisando, mudando e melhorando suas práticas de ensino, o Brasil continua incentivando uma prática falida de alfabetização por todo o país?

### **A aprendizagem da leitura**

Antes de falar sobre alfabetização é preciso fazer uma diferenciação: aprender a ler é diferente de ler. Aprender a ler envolve habilidades diferentes daquelas utilizadas por um leitor experiente. A leitura num leitor experiente é uma atividade complexa, que envolve a manipulação de muitas habilidades para o tratamento de informações gráficas, como decodificação, compreensão e fluência. Nesse livro não vamos falar sobre a leitura fluente, mas sim sobre como se aprende a ler.

---

<sup>1</sup> Aos leitores interessados na história da alfabetização na França e EUA, ver Comissão de Educação e Cultura. Alfabetização Infantil: Os novos caminhos. Relatório Final do Grupo de Trabalho. Brasília: Comissão de Educação e Cultura, Câmara dos Deputados, 2003.

Para aprender a ler é fundamental perceber que utilizamos um sistema de escrita para representar o que falamos. É preciso saber que o sistema de escrita é constituído por símbolos, que por sua vez representam sons: os sons da fala.

Para aprender a ler, então, o aprendiz precisa entender que no sistema de escrita alfabético<sup>2</sup> tudo que é falado pode ser escrito, utilizando símbolos (letras) que representam os sons da fala (fonemas).

As pesquisas na área da Psicologia Cognitiva da Leitura mostram que as crianças podem aprender com rapidez e facilidade quando compreendem o funcionamento do sistema de escrita. Assim, o primeiro passo no processo de alfabetização envolve a aquisição de habilidades para identificar e interpretar as unidades linguísticas, transformando os símbolos, no caso as letras, em informações significativas.

Vou utilizar as palavras de Miriam Lemle para falar sobre os conhecimentos iniciais de um leitor. Em seu livro “Guia teórico do Alfabetizador”<sup>3</sup>, a autora coloca cinco saberes que uma pessoa precisa atingir e algumas percepções que devem ser feitas conscientemente para aprender a ler e escrever:

- 1) **A ideia de símbolo:** a criança precisa saber que existe uma relação simbólica entre os objetos, por exemplo, as cores do semáforo e seus significados; um dedo levantado para cima significando tudo bem. Quando compreender a ideia de símbolo o aprendiz está pronto para entender que muitos risquinhos ordenados em uma página branca provavelmente são letras e que elas são os símbolos dos sons da fala.
- 2) **Discriminação das formas das letras:** as letras, para quem não sabe ler, são somente riscos em uma página branca. Para aprender a ler é preciso entender que cada um daqueles riscos vale como símbolo de um som da fala e para isso é preciso saber discriminar as suas formas.
- 3) **Discriminação dos sons da fala:** Para aprender a ler é preciso haver a conscientização da percepção auditiva. “Se as letras simbolizam sons da fala, é preciso saber ouvir as diferenças linguisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som” (p. 9).

---

<sup>2</sup> Para saber mais sobre os sistemas de escrita ver Cagliari, L. C. Alfabetização e Linguística. Scipione, SP: 1997.

<sup>3</sup> Recomendo fortemente a leitura desse livro. É de fácil leitura e imprescindível para professores alfabetizadores.

- 4) **Consciência da unidade palavra:** Quando falamos, emitimos uma corrente de sons. Quem está aprendendo a escrever precisa saber isolar nessa corrente, as unidades que são as palavras.
- 5) **Organização da página escrita:** antes de aprender a ler é preciso saber como as informações se organizam em uma página: a ordem das letras vai da esquerda para direita e de cima para baixo. Essas informações precisam ser ditas, pois o leitor iniciante as desconhece.

Às vezes, esses cinco saberes básicos para a leitura surgem espontaneamente, mas eles também podem ser ensinados/estimulados ainda na pré-escola.

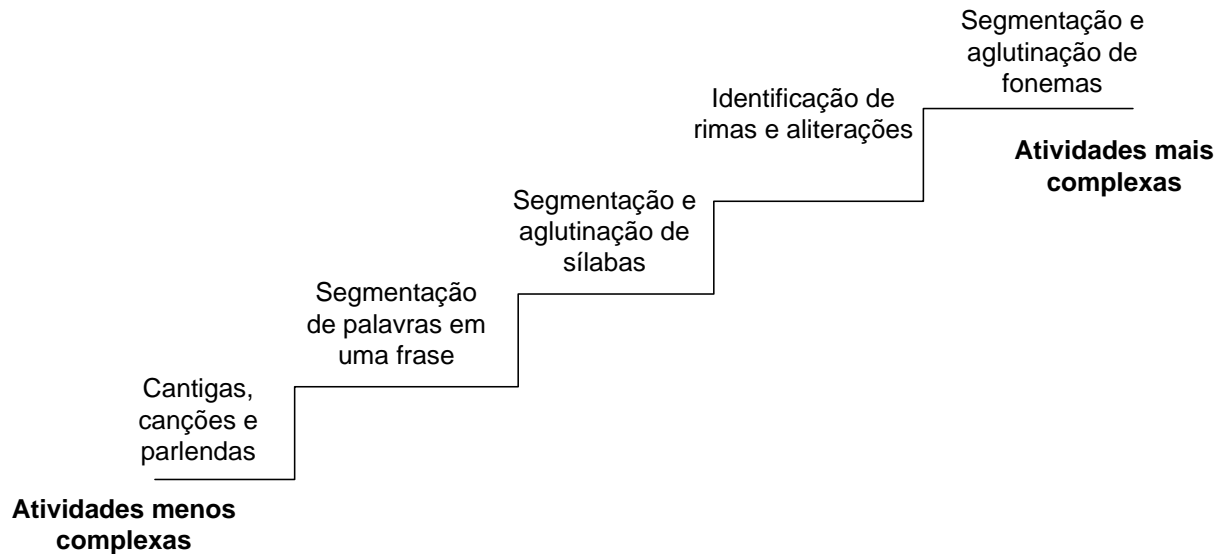
Com esses saberes, o aprendiz está preparado para começar a fazer as relações entre as palavras faladas e as palavras escritas. Esse é o papel principal do professor alfabetizador: propor atividades didáticas e situações em sala de aula para despertar essas percepções no aluno.

Uma habilidade muito importante no processo de aprendizagem da leitura, que envolve esses saberes citados por Lemle, é a consciência fonológica. Essa habilidade tem sido referida nas pesquisas na área da psicologia cognitiva como uma das mais importantes no processo de aquisição da escrita. E é com base nessa habilidade que as atividades propostas nesse livro foram pensadas. Por esse motivo, vamos nos aprofundar um pouco mais nesse assunto.

### **O que é a consciência fonológica?**

O termo consciência fonológica refere-se à habilidade de refletir sobre características sonoras das palavras e manipular os sons da fala de forma consciente, tais como sílabas, rimas e fonemas. É a compreensão de que as palavras podem ser divididas em componentes menores e que esses podem ser manipulados. Por exemplo, podemos dividir uma palavra em sílabas para analisar cada pedaço, também podemos identificar quais são as partes de duas palavras diferentes que possuem os mesmos sons, como rimas e aliterações (som parecido no início de uma palavra).

A consciência fonológica não é um constructo unitário. Ela é formada por várias habilidades correlacionadas com níveis de complexidade diferentes. Veja a figura abaixo:



Níveis de complexidade das habilidades de consciência fonológica (Chard e Dickson, 1999).

O conhecimento e estabelecimento dos níveis de consciência fonológica é muito importante para que possamos adequá-los às atividades de alfabetização que se fazem necessárias na aprendizagem da linguagem escrita. Portanto vamos explicá-los um a um.

O primeiro nível refere-se a capacidade de perceber, inconscientemente, as semelhanças sonoras entre as palavras. As crianças brincam com os sons ainda quando são bem pequenas. As cantigas e parlendas geralmente fazem parte da oralidade das crianças. Os pais cantam para os filhos, os amigos brincam com os sons das palavras e na educação infantil é corrente o trabalho com esses gêneros textuais. As crianças percebem a musicalidade das palavras e também aquelas que tem um “sonzinho parecido” no fim ou no começo. Assim, começam a perceber que algumas palavras possuem sons parecidos.

O segundo nível refere-se a consciência de que a nossa fala é composta por várias palavras. As crianças pequenas podem identificar, oralmente, quais são as palavras de uma frase. Muitas vezes elas acham que os artigos, pronomes, conjunções são partes integrantes das palavras e fazem a hipossegmentação (separações aquém das previstas pela ortografia), por exemplo: emcasa, pegaela, derepente, desurpresa, entre outras. Outras vezes, fazem a hipersegmentação (separações além das previstas pela ortografia convencional), por exemplo: a

inda, de mais, um bigo. Para resolver esse problema das segmentações não-convencionais, as crianças precisam dar conta da complexa tarefa de compreender o que é uma palavra. E esse aprendizado não ocorre espontaneamente. A criança precisa da ajuda do professor para mostrar a ela que quando escrevemos, separamos as palavras, deixando entre elas um espaço em branco. Trabalhando desde cedo, oralmente, com os versos de cantigas o professor pode avançar nesse trabalho.

O terceiro nível pode ser denominado de consciência fonológica de nível silábico. Ao adquirir a consciência da palavra, a criança está pronta para adquirir a consciência das sílabas. O nível das sílabas compreende a habilidade de segmentar a palavra em sílabas e aglutinar sílabas para formar palavras. A consciência fonológica de nível silábico é considerada uma capacidade muito simples de ser adquirida pelas crianças (Freitas, 2004). Essa habilidade também é ensinada pelo professor e pode ser realizada, em princípio, oralmente, através de jogos e brincadeiras.

As atividades que medem esse nível de consciência fonológica são as de síntese (união de sílabas para formar palavras), segmentação (separar uma palavra em sílabas), contagem do número de sílabas, localização da sílaba inicial, medial ou final em uma palavra e exclusão (subtração de sílabas na palavra).

O quarto nível, denominado de nível intra-silábico, corresponde à consciência de que as palavras podem ser divididas em unidades que são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba. Ter consciência da rima e da aliteração (som inicial no início da palavra) constitui a consciência intra-silábica.

As rimas, em particular, fazem parte do cotidiano das pessoas, sendo encontradas em poemas, músicas e *slogans*. Elas são de extrema significância para as crianças, pois são encontradas em cantigas e em jogos orais, como trava-línguas e parlendas. Assim, mesmo antes de entrarem na escola, as crianças já são capazes de perceber na oralidade as palavras que possuem sons em comum.

É preciso considerar que essa percepção inicial das crianças não consiste em uma *identificação consciente* das estruturas intra-silábicas, mas de uma *sensibilidade* a essas similaridades fonológicas (Scherer, 2008). A consciência das estruturas intra-silábicas irá se desenvolver quando a criança for submetida a um ensino que explicita as relações entre letras e sons.

Finalmente, no quinto e último nível, a criança consegue segmentar, trocar e aglutinar os fonemas de uma palavra. Este é o mais sofisticado nível da consciência fonológica, também denominado de consciência fonêmica. A consciência fonêmica refere-se à capacidade de análise da língua em fonemas e à compreensão de que cada palavra é constituída por uma série de fonemas (Morais, 1996). Nesse nível as crianças conseguem transformar uma palavra em outra trocando apenas uma letra (fonema), por exemplo: trocando a letra p da palavra pato pela letra g, uma nova palavra será formada, gato.

O desenvolvimento desse nível da consciência fonológica é essencial para a compreensão do princípio alfabético. Esse princípio refere-se ao entendimento de que as letras (grafemas) correspondem aos sons (fonemas) (Capovilla, 2005).

Durante a leitura de uma palavra, a consciência fonêmica e o conhecimento do código alfabético surgem simultaneamente. Elas se influenciam e se reforçam mutuamente (Morais, 1996).

Quando as crianças dominam essas duas competências, podem dar o passo seguinte no processo de alfabetização, que consiste na aprendizagem das relações que caracterizam o código de cada língua. Elas possibilitam à criança identificar uma palavra oral ou escrita decifrando as correspondências entre grafemas e fonemas respectivos, permitindo ao aluno codificar e decodificar a escrita (Capovilla, 2005). O contato com a escrita impulsionará o desenvolvimento da consciência fonêmica, momento no qual a criança começa a dominar as regras do sistema de escrita de sua língua.

Em suma, a consciência fonológica é a habilidade de identificar e manipular os sons. Quando esta habilidade inclui a percepção de que as palavras podem ser divididas em fonemas, passa a ser denominada consciência fonêmica.

### **A importância da consciência fonológica**

Todos sabemos que para ter sucesso em uma atividade é preciso treino. Vejamos por exemplo os atletas. Os treinos sucessivos fortalecem a estrutura muscular e, progressivamente, os atletas ficam mais fortes. Também podemos treinar nossa mente: quanto mais nos dedicamos intelectualmente a uma atividade (através de estudos, leituras ou reflexões), melhores resultados

teremos nessa atividade, pois passamos a compreender melhor. O mesmo acontece na escola: quanto mais um aluno se dedicar aos estudos e treinar suas capacidades cognitivas, maiores chances ele terá de obter sucesso.

Quando olhamos para a metodologia da alfabetização em grande parte das escolas brasileiras percebemos que os alunos não estão sendo desafiados. Os professores, guiados por parâmetros que reforçam o espontaneísmo, deixam os alunos pensarem e descobrirem as coisas sozinhos.

Na verdade, o que acontece, é que as crianças desconhecem seu próprio potencial cognitivo e portanto, não conseguem desenvolvê-lo.

As crianças pequenas precisam ser “treinadas”, precisam de desafios que as façam desenvolver plenamente suas capacidades cognitivas para assim, aprender a ler e escrever.

Desde pequenos, possuímos habilidades para refletir sobre a língua. Quando somos pequenos refletimos sobre os sons que ouvimos, percebemos rimas e aliterações, somos capazes de identificar os “pedaços” (sílabas) das palavras. Esses conhecimentos já são habilidades de consciência fonológica. Maluf (2011)<sup>4</sup> coloca que no início esses conhecimentos são implícitos, ainda não nos damos conta deles. Mas, na medida em que crescemos e começamos a estudar, esses conhecimentos vão se tornando explícitos, ou seja, passamos a compreendê-los e adquirimos a capacidade de refletir sobre eles.

E é exatamente o treino dessas habilidades que faz com que a criança compreenda o princípio alfabético e se aproprie da escrita. E é exatamente esse treino que está faltando em nossas classes de alfabetização.

O trabalho com a consciência fonológica, desde a educação infantil, permitirá promover o sucesso da alfabetização e conseqüentemente, reduzir o número assustador de crianças que frequentam o 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> ano do ensino fundamental e saem sem saber ler e escrever.

É preciso promover a reflexão sobre a prática oral, tanto na percepção da fala como em sua produção. Atividades aplicadas de forma sistemática e consistente irão desenvolver as habilidades de consciência fonológica necessárias no processo de alfabetização.

---

<sup>4</sup> Esse é um ótimo texto para compreender melhor o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica. Deveria ser uma leitura obrigatória para todo professor alfabetizador.

A realização diária de atividades com estruturas similares, mas com conteúdos diferentes, auxilia a indução, instalação e consolidação dos conhecimentos que a criança adquire sobre a linguagem escrita.

### **Atividades para alfabetização**

As atividades sugeridas nesse livro são para crianças maiores, que estão frequentando salas de alfabetização. Mas é preciso lembrar que desde cedo, já na educação infantil<sup>5</sup>, podemos treinar e desenvolver as habilidades de consciência fonológica das crianças através de atividades orais.

As atividades deste livro são um guia para o professor alfabetizador. São colocados **alguns exemplos** de atividade para o 1º ano. O professor pode e deve criar mais situações para ampliar as oportunidades de reflexão sobre as palavras. Você verá que algumas atividades que são propostas para uma letra, as vezes não são para outra. Você pode fazer todos os tipos de atividades para todas as letras, isso enriquecerá suas aulas.

Entre parênteses colocamos algumas orientações didáticas e descrições das atividades que não devem ser faladas às crianças. Essas orientações servem somente para auxiliar o professor.

As atividades iniciais envolvem os nomes e sons das letras, e é importante que o professor trabalhe o som de cada letra sempre que solicitado. Assim, quando as letras aparecerem entre duas barras, o som da letra deve ser pronunciado, e quando a letra aparecer em maiúscula ou minúscula, deve ser trabalhado o nome da letra, por exemplo: diante de J ou j deve ser dito *jota*, diante de /j/ deve ser dito o som da letra. Para facilitar a produção do som da letra, é possível fazer variações com as vogais que podem acompanhá-la, como por exemplo: /já/, /ju/, para que a pessoa que está aprendendo a ler se exercite em distinguir o fonema j.

É fundamental que o alfabeto esteja exposto na sala de aula e seja de fácil visualização (sugerimos um alfabeto ilustrado). Conhecer o alfabeto é o primeiro passo para a alfabetização. Sugerimos que, diariamente, o professor faça a leitura do alfabeto com os alunos. Fale o nome

---

<sup>5</sup> O livro de Adams et. al (2006), traz sugestões de muitas atividades que podem ser realizadas com crianças pequenas, ainda na Educação Infantil.

de cada letra, relacione-a a uma figura e faça o som da mesma. Por exemplo: “Essa é a letra A e o som dela é /a/. A de abacaxi; Essa é a letra B e o som dela é /b/. B de bola.”

Os alunos irão se desenvolver em ritmos diferentes. Alguns se alfabetizarão primeiro, outros irão demorar mais. Continue a fazer essa atividade até você perceber que todos os alunos já tenham adquirido domínio do alfabeto. Lembre-se que muitas vezes acontece que a maioria dos alunos se alfabetiza mas no fim do ano, acabam restando alguns em sala de aula sem saber ler. E então, como interrompemos o trabalho com o alfabeto, as crianças que ainda não leem perdem a oportunidade de continuar tentando.

O trabalho com os nomes dos alunos da sala é muito importante pois nomes são palavras com muito significado. Se possível, faça um cartaz com o nome e a foto de cada aluno e todos os dias leia essa lista com eles mostrando os nomes que começam com a mesma letra e que por causa disso, têm o mesmo som inicial. Dependendo do número de alunos por sala, você pode pegar uma determinada quantidade de nomes por dia para trabalhar as sílabas. Por exemplo o nome Carolina. Escreva na lousa as sílabas desse nome todas misturadas e os alunos precisam tentar colocar as sílabas em ordem para adivinhar o nome do colega, entre outras.

Recomendamos a leitura, pelo professor, de um texto por dia. Pode ser livros de literatura, contos de fada, uma notícia de um fato atual, um poema, adivinhas, lendas, piadas, fábulas entre outros.

Essa atividade é importante pois o professor deve ser um modelo de leitura para seus alunos: o professor que lê todos os dias ensina aos alunos que o hábito da leitura diária é saudável e prazeroso. Os alunos estão começando a se aventurar pelo mundo da linguagem escrita e quando o professor lê, passa a ser um modelo de leitor. As crianças prestam atenção à voz, entonação, disposição, tipo de texto que lê e isso tudo irá influenciá-las quando forem leitores autônomos.

### **Sugestões de leitura**

Adams, M. J., Foorman, B. R., Lundberg, I. & Beeler, T. (2006). *Consciência Fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed.

Geraldi, J. W. (1997). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.

Lemle, M (1998). *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática.

Maluf, M. R. (2010). Do conhecimento implícito à consciência metalinguística indispensável na alfabetização. In: S. R. K Guimarães & M. R. Maluf (Eds.). *Aprendizagem da linguagem escrita: contribuições da pesquisa*. São Paulo, SP: Vetor.

Morais, J. (1996). *A arte de ler*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco.

### **Referências**

Adams, M. J., Foorman, B. R., Lundberg, I. & Beeler, T. (2006). *Consciência Fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed.

Ávila, C. R. B. (2004). Consciência fonológica. In L. Ferreira, D. Befi-Lopes & S. Limongi (Eds.). *Tratado de Fonoaudiologia* (pp. 815-824). São Paulo, SP: Roca.

Barrera, S. D. (2003). O papel facilitador das habilidades metalinguísticas na aprendizagem da linguagem escrita. In M. R. Maluf (Ed.). *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização* (pp. 65-90). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Capovilla, F. C. (2005). *Os novos caminhos da alfabetização no Brasil*. São Paulo: Memnon.

Cardoso-Martins, C., & Batista, A.C. E. (2005). O conhecimento do nome das letras e o desenvolvimento da escrita: Evidência de crianças falantes do português. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 18(3), 330-336.

Chard, D. & Dickson, S. (1999). Phonological awareness: instructional and assesment. *Intervention in School and Clinic*, 34(15), 261-270.

Gombert, J. E. (2003). Atividades Metalinguísticas e aprendizagem da leitura. In M. R. Maluf (Ed.). *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Lamprecht, R. R. (2004). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Lemle, M (1998). Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática.

Grégoire, & B. Piérart (Eds.). *Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Maluf, M. R. (2005). Ciência da leitura e alfabetização infantil: Um enfoque metalinguístico. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 25(2), 55-62.

Maluf, M. R. (2010). Do conhecimento implícito à consciência metalinguística indispensável na alfabetização. In: S. R. K Guimarães & M. R. Maluf (Eds.). *Aprendizagem da linguagem escrita: contribuições da pesquisa*. São Paulo, SP: Vetor.

Maluf, M. R. & Barrera, S. D. (1997). Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.10(1), 125-145.

Morais, J. (1996). *A arte de ler*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Navas, A. L. G. P. (2008). O desenvolvimento do processamento fonológico e sua influência para o desempenho na decodificação de palavras na leitura. In: M. R. Maluf & S. R. K.

Guimarães (Eds.). *Desenvolvimento da linguagem oral e escrita* (pp. 155-166). Curitiba, PR: UFPR.

Navas, A. L. G. P. & Santos, M. T. M. dos. (2004). Linguagem escrita: aquisição e desenvolvimento. In L. Ferreira, D. Befi-Lopes & S. Limongi (Eds.). *Tratado de Fonoaudiologia* (pp. 825-845). São Paulo, SP: Roca.

Pinheiro, A. M. V.(1994). *Leitura e escrita: uma abordagem cognitiva*. Campinas: Editorial Psy.